

DÍVIDA EXTERNA

País aceita reduzir dívida polonesa

Governo brasileiro apóia decisão do Clube de Paris na expectativa de receber tratamento idêntico

BRASILIA — O Brasil era contra, reclamou, mas acabou acompanhando a decisão dos credores do Clube de Paris que reduziu à metade a dívida da Polônia, na expectativa de abertura de um precedente que venha a ajudar o País quando este mudar de lado — ou seja, sentar-se à mesa como devedor.

O Brasil é o segundo maior credor da Polônia, cuja dívida com o governo brasileiro, originalmen-

te de US\$ 2,2 bilhões, está hoje em quase US\$ 3 bilhões. Agora, fica diminuída para cerca de US\$ 1,5 bilhão. “É uma questão de realismo político”, disse uma fonte do Itamaraty ao explicar a posição brasileira.

Representantes dos Ministérios das Relações Exteriores e da Economia participaram das negociações no dia 13, em Paris. Na declaração de voto, eles disseram que o Brasil não iria obstruir o consenso e que esperava receber tratamento semelhante ao que estava sendo concedido à Polônia, que teve sua dívida perdoadada em 50%. A dívida original do Brasil com o Clube de Paris, que reúne os governos, é de

US\$ 9,7 bilhões, mas atualmente já passa de US\$ 10,5 bilhões.

Foram vários os argumentos para que o País concordasse com a redução da dívida polonesa. Em primeiro lugar, o interesse em acompanhar os demais credores, eles próprios, principalmente os do Grupo dos Sete (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Canadá e Alemanha), muito empenhados na solução do problema polonês. Em segundo lugar, se o Brasil não acompanhasse os outros credores teria dificuldades em receber sozinho o que a Polônia lhe deve. Além disso, o Brasil é credor de outros países no Clube (africanos e sul-americanos) e se não aca-

tasse sua decisão poderia dificultar futuras negociações.

O governo brasileiro espera agora que, aberto o precedente, a dívida do País seja tratada da mesma forma. E não aceita o argumento, utilizado pelos países industrializados, segundo o qual a Polônia é um caso único. Há uma grande semelhança entre os dois países e o governo espera que isso pese na decisão: se a Polônia vive um período de transição, em busca da economia de mercado, o Brasil também está num esforço de abertura e liberalização de sua economia.

□ *Leia na página 22 o noticiário sobre a visita do presidente da Polônia, Lech Walesa, aos Estados Unidos*